

NA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ERA
ARQUEOLOGIA

11

APONTAMENTOS

de Arqueologia e Património

ABR 2016

ISSN: 2183-0924

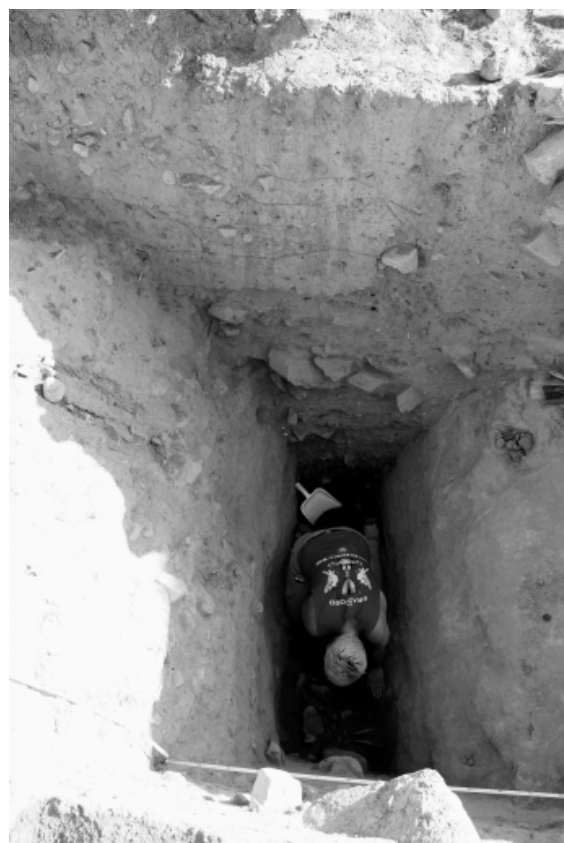
APONTAMENTOS

de Arqueologia e Património

11

ABRIL

2016



ÍNDICE

EDITORIAL 07

António Carlos Valera
 NOTA SOBRE UMA DECORAÇÃO INCOMUM NUM
 RECIPIENTE DOS PERDIGÕES 09

António Carlos Valera, Ever Calvo e Patrícia Simão
 ENTERRAMENTO CAMPANIFORME EM FOSSA DA
 QUINTA DO CASTELO 1 (SALVADA, BEJA) 13

Lucy Shaw Evangelista, Miguel Lago e Lúcia Miguel
 A ANTA DOS ENXACAFRES NO CONTEXTO DO
 MEGALISTISMO DA REGIÃO DE GRÂNDOLA E
 SANTIAGO DO CACÉM: UMA PRIMEIRA NOTA 21

Margarida Mendonça e António Faustino Carvalho
 A COMPONENTE EM PEDRA LASCADA DOS
 MONUMENTOS FUNERÁRIOS 1 E 2 DO
 COMPLEXO ARQUEOLÓGICO DOS PERDIGÕES
 (REGUENGOS DE MONSARÁZ) 33

Eliana Goufa e Francisco Rosa Correia
 A INDÚSTRIA LÍTICA DO CASTRO DA COLUMBEIRA
 (BOMBARRAL, PORTUGAL): DADOS PRELIMINARES
 E PERSPECTIVAS FUTURAS 47

Rui Ramos
 QUINTA DE SÃO LOURENÇO 2:
 UM SÍTIO DE FOSSAS NO CONCELHO DE BRAGANÇA 53

Elisa de Sousa e Marina Pinto
 A OCUPAÇÃO DA IDADE DO FERRO NA COLINA
 DO CASTELO DE SÃO JORGE (LISBOA, PORTUGAL):
 NOVOS DADOS DAS ESCAVAÇÕES REALIZADAS
 NA RUA DO RECOLHIMENTO / BECO DO LEÃO 59

Elisa de Sousa, Alexandre Sarrazola e Inês Simão
 LISBOA PRÉ-ROMANA: CONTRIBUTOS DAS
 INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS NA
 RUA DA MADALENA69



EDITORIAL

O presente volume da “Apontamentos” volta a juntar artigos produzidos no âmbito da investigação realizada pelo NIA-ERA, artigos resultantes de trabalhos levados a cabo pelo departamento técnico da ERA e artigos derivados de colaborações externas. Textos que expõem resultados de trabalhos de campo, de investigação e de trabalhos académicos de estudo de colecções artefactuais.

Num tempo em que muitos se deixam aprisionar pelo sistema de publicações arbitradas e indexadas, na busca dos “pontos” que permitam vingar no terreno altamente competitivo em que a investigação hoje vive, pequenos e despretensiosos projectos como este continuam a publicar informações e ideias úteis, revelando que há espaço, diria mesmo que há necessidade, para uma pluralidade editorial. Tal utilidade aparece bem representada, por exemplo, na expressão que a “Apontamentos” já conseguiu atingir, visível no número de consultas, “downloads” e citações, tanto a nível nacional como internacional.

Continuamos, pois, seguros que com este contributo editorial não só estamos a cumprir com uma obrigação inerente à nossa actividade, mas também a concorrer para um ambiente de maior diversidade e liberdade, essencial para o desenvolvimento de qualquer ciência e área profissional.

António Carlos Valera

ENTERRAMENTO CAMPANIFORME EM FOSSA DA QUINTA DO CASTELO 1 (SALVADA, BEJA)

António Carlos Valera¹
Ever Calvo²
Patrícia Simão²

Resumo:

No âmbito do bloco de rega de Baleizão-Quintos foram intervencionadas, no sítio da Quinta do Castelo 1, um conjunto de estruturas entre as quais se contava uma grande fossa que continha junto à base um enterramento associado a um recipiente campaniforme de estilo Internacional. No presente trabalho faz-se a descrição deste contexto e discute-se a sua relevância para o conhecimento da expressão do fenómeno campaniforme no interior alentejano.

Abstract:

Bell Beaker burial in pit from Quinta do Castelo 1 (Salvada, Beja)

In the context of the water supply network of Baleizão-Quintos several structures were excavated in the site of Quinta do Castelo 1. Among them there was a large pit that had a funerary deposition at the bottom associated to a bell beaker of International style. This work presents the description of the context and debates its relevance for the knowledge of the bell beaker phenomenon in Alentejo hinterland.

1. Introdução

O sítio da Quinta do Castelo 1 foi intervencionado em 2013 pela empresa Omniknos Lda. no âmbito dos trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Baleizão-Quintos (Fase de Obra), empreendimento da Edia S.A.. Nos trabalhos realizados foram escavadas 31 estruturas negativas com cronologias enquadráveis no Calcolítico, Idade do Bronze, antiguidade tardia e período islâmico.

Entre estas estruturas contava-se uma fossa que revelou um enterramento individual com um recipiente campaniforme associado. Tratando-se uma circunstância incomum no “mundo funerário campaniforme” da região e na tradição de enterramentos em fossa que se tem vindo a revelar nos últimos anos no interior alentejano, optou-se por publicar individualmente este contexto, realçando os aspectos mais peculiares que assume no contexto global da presença campaniforme na região.

2. Localização

O sítio arqueológico da Quinta do Castelo 1 localiza-se na freguesia da Salvada, distrito de Beja. Situa-se 2,6km a Este da povoação da Salvada, do lado esquerdo do estradão que conduz ao casario da Quinta do Castelo, e 5,2km a Oeste do Guadiana. Está implantado na vertente Sul da suave elevação aplanada da Arroteia, nomeadamente no limite onde a suavidade da vertente dá lugar a um relevo mais irregular e abarrancado que se desenvolve para Sul e Sudeste até àquele rio (Figura 1). As suas coordenadas geográficas são: M234369, P108034, a uma altitude de 196m.

O local é enquadrado por duas linhas de água, a Este e Oeste, as quais drenam para Sul, para o Barranco da Gravia, o qual é subsidiário directo do Guadiana, numa área em que este se apresenta já muito encaixado.

Do ponto de vista geológico, esta área integra-se numa estreita faixa de arenitos, siltitos, pelitos e xistos negros siliciosos da Formação de Horta da Torre, entre uma faixa de anfibolitos, granulitos e garbos a Norte (da qual se separa por uma falha) e outra faixa de pelitos, grauvaques e xistos roxos a Sul (Carta Geológica de Portugal. 1:200000, fl.8).

¹ Coordenador do Núcleo de Investigação Arqueológica - NIA, (antoniovalera@era-arqueologia.pt) Centro ICArEHB - UAlg.

² Era Arqueologia S.A.

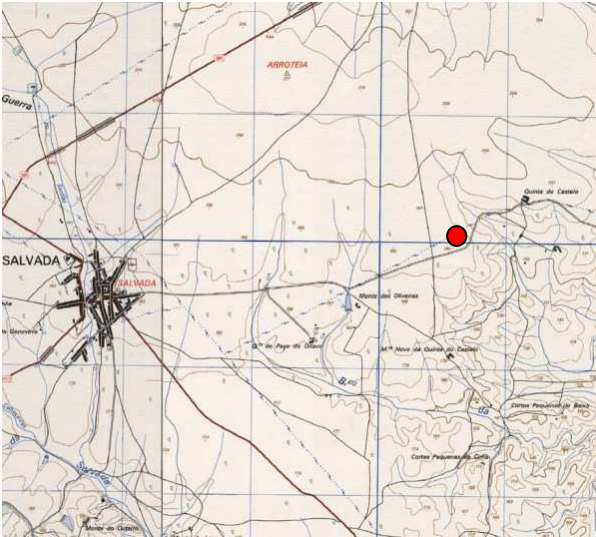


Figura 1 – Localização da Quinta do Castelo 1 na Carta Militar de Portugal, 1:25000, fls. 531/532.



Figura 2 – Em primeiro plano a fossa do enterramento e em segundo plano um conjunto de fossas/depressões irregulares.

3. A Sondagem 16

A fossa em questão foi intervencionada no Sector 14. No início dos trabalhos foi identificada nesta área uma grande mancha de argilas siltosas de cor castanha avermelhada na qual tinham sido escavadas quatro sepulturas de tradição islâmica. Finalizada a escavação dos contextos islâmicos, procedeu-se à escavação destas argilas (UE 1400), inicialmente não identificadas como enchimento de estrutura.

A remoção desta unidade deixou à vista um conjunto de possíveis estruturas negativas abertas no substrato, sendo a maior delas a localizada no extremo Este da área coberta pelas argilas superficiais. No que se refere às estruturas de menor tamanho identificadas a Nordeste (UEs 1615, 1617, 1613, 1619 e 1614), trata-se de um conjunto de fossas de planta irregular, com dimensões variadas e com reduzida profundidade preservada (Figura 2). A escassez de vestígios materiais identificados nos seus depósitos, apenas uns poucos fragmentos muito rolados de cerâmica manual, assim como a afectação que a actividade agrícola teve sobre elas, não permite avançar uma interpretação da sua possível funcionalidade ou cronologia, podendo corresponder a processos de formação não atrópica.

Quanto à estrutura de maior tamanho (UE 1610), tratava-se de uma fossa escavada no substrato, de planta subcircular com secção Nordeste da boca rebaixada, apresentando um diâmetro médio da boca de 3 m e uma profundidade preservada de 1,8 metros. Era preenchida por três depósitos e um enterramento.

O primeiro destes enchimentos, umas argilas siltosas de cor castanha avermelhada, apresentava características similares às registadas no depósito UE1400, contudo, a identificação de uma inclusão moderada de concreções carbonatadas permitiu concluir que se tratava de um depósito distinto (UE 1607) que forneceu alguns bojos manuais.



Figura 3 – Enterramento e detalhe do recipiente campaniforme junto ao crânio.

Sob esta unidade, foi identificado, só na área Oeste/Sudoeste da estrutura, um novo depósito (UE 1609) composto por argilas castanhas siltosas, mais compactas e arqueologicamente estéreis. A sua remoção revelou um enterramento humano individual (UE 1611) junto da parede da fossa, registando-se, junto ao crânio, a presença de restos de um vaso de campaniforme de estilo internacional (Figura 3).

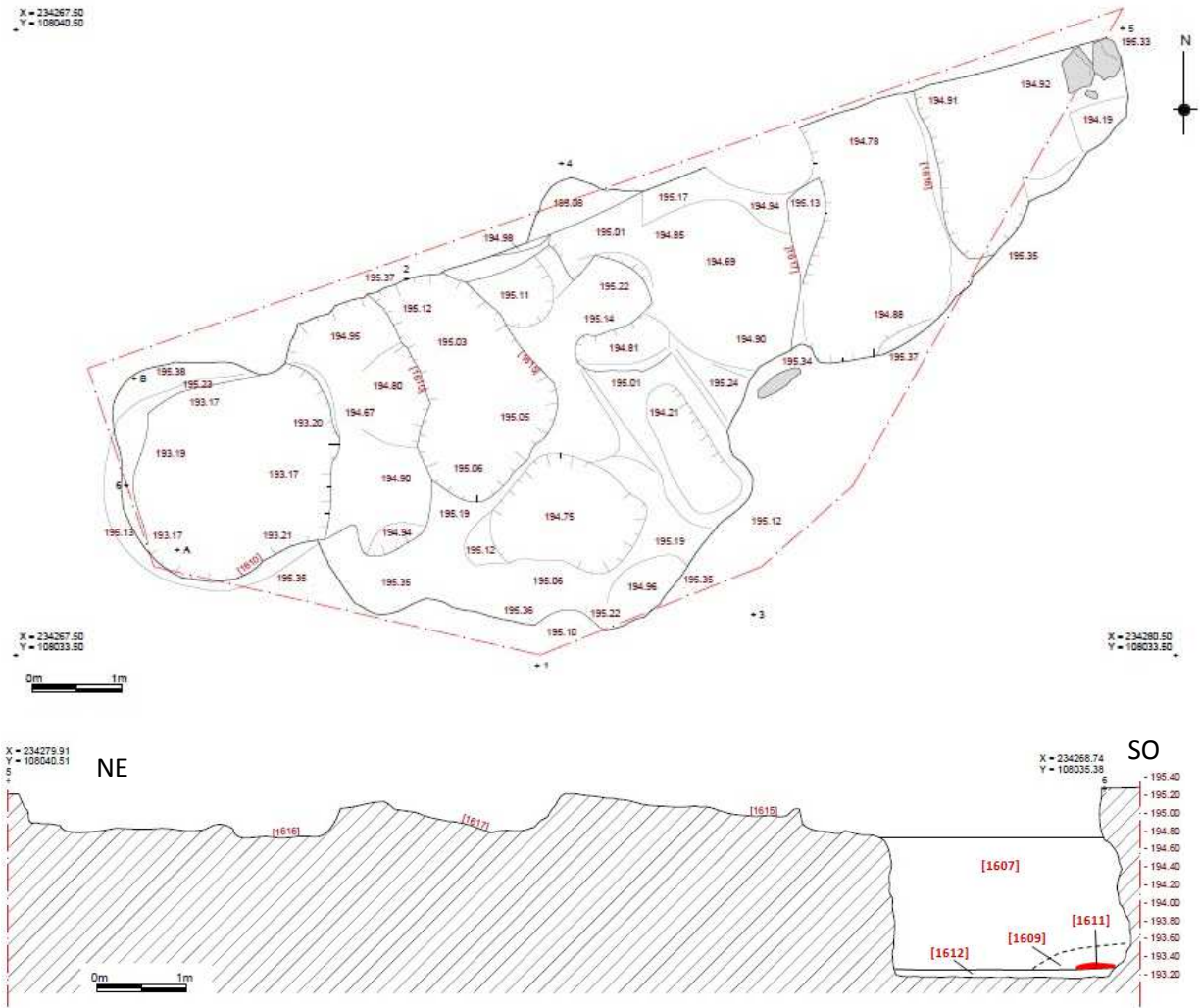


Figura 4 – Planta e perfil da sondagem 16.

Os restos humanos estavam depositados sobre um fino e horizontalizado depósito que preenchia a base da fossa, composto por areias limosas de cor castanho claro (UE 1612), também arqueologicamente estéreis. O enterramento encontrava-se assim muito perto da base da fossa, sendo que o depósito de base e o depósito que cobria directamente os ossos não apresentavam materiais arqueológicos. Estes apenas ocorriam, sob a forma de fragmentos cerâmicos no espesso depósito que preenchia todo o resto da fossa até ao seu topo. Esta circunstância parece indicar que o nível de base foi colocado intencionalmente para forrar o fundo da fossa e receber a deposição funerária, tendo esta sido coberta por um depósito com características não muito distintas e sendo a fossa depois preenchida por um único espesso depósito já incorporando alguns fragmentos cerâmicos, muito provavelmente correspondendo a uma acção antrópica única de encerramento da fossa. Quanto a eventuais funcionalidades da fossa anteriores à deposição funerária ou se esta foi aberta especificamente para a receber, a informação disponível é totalmente inconclusiva.

3.1 Análise bioantropológica

O material osteológico apresentava baixos índices de preservação e uma elevada fragmentação. No caso dos ossos longos, para além da ausência total das extremidades, ocorrem fendas transversais na diáfise, possivelmente provocadas pela pressão do solo. Apesar do estado de degradação registado foi possível identificar três conexões anatómicas e material ósseo sem continuidade anatómica e realizar em campo a observação de alguns parâmetros paleobiológicos.

As conexões anatómicas 1 e 2 eram constituídas por duas tíbias e dois perónios em articulação, que se encontravam depositados junto ao limite Noroeste da fossa. Aparentemente estas pernas estavam orientadas de NE para SO (50°-230°). Verificou-se que tanto as tíbias como os perónios estavam paralelos, encontrando-se a tíbia direita sobre a face medial e a esquerda sobre a face lateral e o perónio direito sob a tíbia da mesma lateralidade.

Junto à parede Sudoeste da fossa, e entre o material sem continuidade anatómica, identificou-se a conexão anatómica 3, que corresponde a parte de um membro superior esquerdo (úmero e cúbito). Aparentemente orientado de NO para SE (320°-140°), este braço parecia estar hiper-flectido, estando o úmero depositado sobre a face posterior, enquanto o cúbito permanecia sobre a face medial. Devido à elevada fragmentação do material das conexões não foi possível realizar a determinação dos indicadores paleodemográficos (diagnose sexual, idade à morte e estatura). Não foram identificados indícios de lesões patológicas nos ossos de qualquer das conexões anatómicas.

O depósito de ossos humanos era ainda constituído por seis ossos sem continuidade anatómica, dispersos por uma área de 134x38cm e maioritariamente depositados junto à parede Sudoeste da fossa. Sem qualquer tipo de organização ou orientação específica, estes elementos ósseos encontravam-se colocados na horizontal, paralela e perpendicularmente à parede da fossa. Neste conjunto identificaram-se dois ossos longos (fragmentos de fémur e úmero), um crânio, uma mandíbula, um íliaco e um osso curto.

O cálculo do número mínimo de indivíduos (Herrman et al, 1990 e Ubelaker, 1974) revelou a presença de um subadulto. A sua idade à morte determinou-se com recurso à erupção e calcificação dentárias (Ubelaker, 1989), sendo a mesma de 15 anos ± 36 meses, uma vez que o 3º molar superior direito se encontrava em formação. No âmbito da paleopatologia, constatou-se a perda *post-mortem* de sete dentes, um superior e seis inferiores. O atrito oclusal 3 (Smith, 1984) registou-se num total de 14 dentes (14/18; 77,8%), sete superiores e sete inferiores. Predomina o grau mínimo de desgaste (grau 1; 8/14), observando-se também alguns casos de atrito de grau médio (grau 3; 4/14).

Ainda ao nível da cavidade oral verificou-se a ausência bilateral do 3º molar inferior na mandíbula. Não se detectaram indícios de reabsorção alveolar ou da perda *ante-mortem* deste dente. Como a mandíbula estava fragmentada, foi possível observar que este molar não estava no alvéolo, descartando a hipótese de impacção (dente não erupcionado). Deste modo, parece estar-se perante um caso de agénese dentária (Ortner, 2003).

Considerando que não há repetição das peças ósseas e que a morfologia e dimensão dos ossos longos são semelhantes, é possível que todo o depósito de ossos humanos da UE 1611 pertença apenas a um único indivíduo. Assim, pode estar-se perante um contexto de perturbação pós-deposicional do esqueleto no local primário de enterramento pouco tempo após a sua inumação, dada a presença de conexões anatómicas que indicam a existência de tecidos moles em decomposição. Neste caso, as ausências (ossos do tórax, carpo e tarso) podem ficar a dever-se a questões de natureza tafonómica.

Por outro lado, a ausência dos tipos de osso enunciados também poderá dever-se ao facto de esta fossa não ser um local de inumação primária do corpo completo, mas sim um

local de deposição secundária ou primário de partes de um corpo previamente seccionado. O facto de o depósito restrito que cobria os ossos não apresentar sinais de qualquer remecheamento sugere a não perturbação pós deposição dos restos humanos. No mesmo sentido vai o facto de existir uma total ausência de ossos das mãos, pés e esqueleto axial, indiciando uma selectividade das partes anatómicas (essencialmente crânio e partes de membros). A perda, considerada *post-mortem* de sete dentes que não estavam presentes no contexto também parece reforçar esta hipótese (sendo os dentes das partes anatómicas mais resistentes). Esta hipótese, que parece mais consentânea com os dados existentes, implicaria a deposição de partes anatómicas sem o processo de esqueletização estar completo, justificando a presença de conexões anatómicas.

6. O recipiente campaniforme

O fragmento de recipiente campaniforme, correspondendo a cerca de metade da peça, era o único objecto associado aos restos humanos.

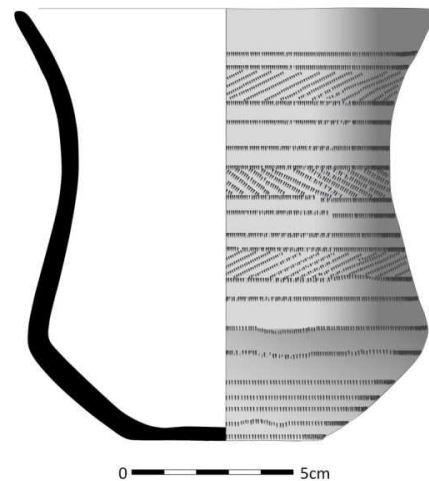


Figura 5 – Recipiente campaniforme da Q.C.1.

Trata-se de uma forma acampanulada clássica com pouco mais que 13 cm de altura, com estrangulamento do colo e curvatura da pança bem acentuados, de pasta bem depurada e acabamento cuidado. A decoração enquadra-se no estilo internacional misto, conjugando o pontilhado de bandas com o pontilhado linear. Assim, do topo para a base, a decoração inicia-se com uma linha, seguida por três bandas alternantes com dois conjuntos de duas linhas, terminando a sequência com mais uma linha antes da curvatura da pança. A partir desta seguem-se mais sete linhas, já na parte de menor visibilidade do vaso. A inclinação dos traços pontilhados que preenchem as bandas é também alternante.

5. O enterramento campaniforme da Quinta do Castelo 1 no contexto da expressão campaniforme no sul de Portugal

O contexto funerário da Quinta do Castelo 1 assume particular interesse no contexto da expressão das cerâmicas campaniformes decoradas no Sul de Portugal por um conjunto variado de razões.

Por um lado porque, e ao contrário do que acontece noutras regiões do país (como acontece por exemplo no Centro-Norte – Valera e Rebugue, 2011), a deposição de recipientes campaniformes decorados em contextos funerários é relativamente pouco frequente, situação que também contrasta com o que se passa com os recipientes campaniformes lisos do “Horizonte de Ferradeira”, que encontram nos contextos funerários um dos seus mais comuns contextos de deposição.

De facto, em todo o Alentejo conhecem-se recipientes campaniformes decorados em quatro antas da zona interior e em duas antas do núcleo mais litoral de Grândola-Santiago do Cacém (Figura 6). No distrito de Beja estes recipientes apenas tinham até agora sido registados em contextos funerários em dois sepulcros tipo tholoi: Cardim 6 e Monte das Pereiras. Assim, o contexto funerário da Quinta do Castelo 1 não só é o contexto funerário com campaniforme decorado mais a Sul na distribuição destes contextos no Alentejo (situa-se na zona limite Sul da mancha de distribuição actual de toda a cerâmica campaniforme decorada na região – Figura 6), como também é o primeiro a ocorrer em fossa.

Esta circunstância está am linha com o que os últimos anos têm vindo a evidenciar para o distrito de Beja, onde a tradição de sepultar em estruturas negativas tipo fossa ou hipogeu é dominante desde o Neolítico e à qual se adiciona a construção de *tholoi* durante o Calcolítico. Mas nas antas e os *tholoi* a cerâmica campaniforme decorada é rara, nos enterramentos em fossa a sua presença era até agora desconhecida. Esta raridade, face à quantidade de contextos não funerários em que ocorre na região, parece traduzir uma opção cultural. A informação actualmente disponível indicia que a cerâmica campaniforme não era reservado um desempenho social preponderante em contexto funerário. A esta circunstância soma o facto de em vários dos contextos megalíticos em que esta cerâmica ocorre na região não existem dados que confirmem que esses recipientes acompanhavam restos humanos ali depositados, podendo em alguns casos corresponder a deposições ritualizadas em contextos funerários prévios de forte carga simbólica, mas que não se faziam acompanhar pela deposição de corpos.

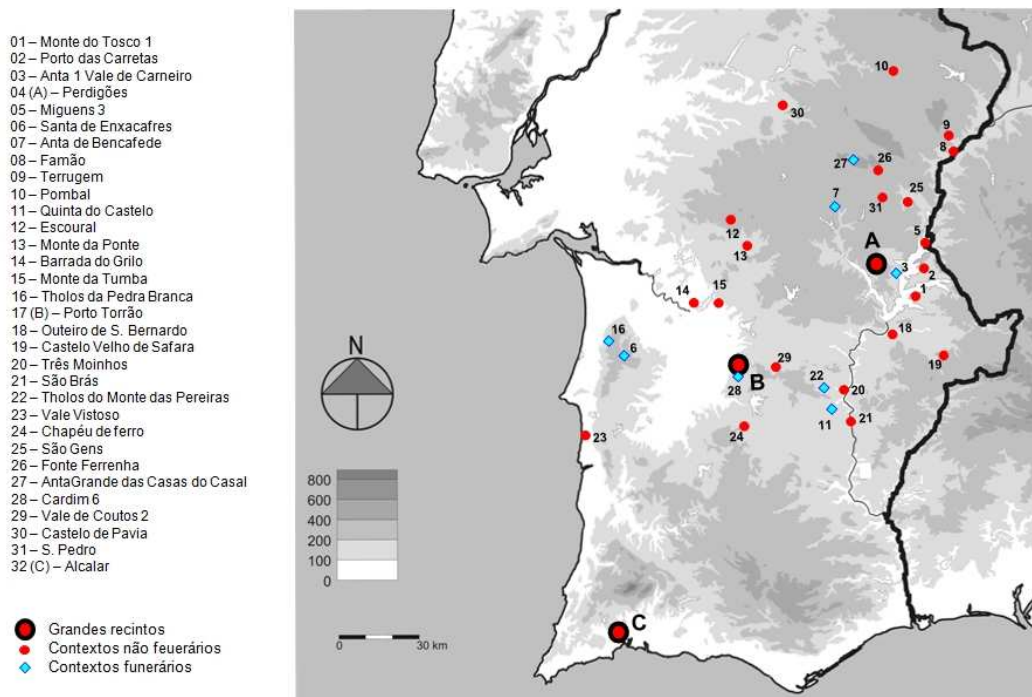


Figura 6 – Distribuição da cerâmica campaniforme decorada no sul de Portugal (Alentejo e Algarve) por contextos funerários e não funerários. (Segundo Valera, 2006, actualizado).

Neste contexto o enterramento em fossa da Quinta do Castelo 1 assume particular importância, porque evidencia uma clara associação entre um recipiente campaniforme decorado e a deposição de restos humanos, aparentemente de um único indivíduo jovem.

Outro aspecto interessante deste contexto sepulcral é a sua cronologia, claramente dentro da Idade do Bronze. Sobre a diáfise de fémur esquerdo realizou-se uma datação que proporcionou o seguinte resultado: 16B0304 - 3550±30BP - 2010-2000 (0,8%), 1980-1860 (67,7%), 1850-1770 (26,9%) cal BC a 2σ. O contexto enquadra-se assim no primeiro quartel do 2º milénio AC. A presença de recipientes campaniformes de estilo Internacional em contextos tardios já era conhecida na região, estando datados no depósito do topo do Fosso 2 do Porto Torrão do último quartel do 3º milénio AC: Sac2028 - 3700±60 - 2284-2248 (3,9%), 2234-1928 (91,5%) (Valera, 2013). Contudo, ainda não tinham sido datados dentro do 2º milénio, o que faz deste enterramento um dos contextos mais tardios do Alentejo (e de Portugal) em que este estilo cerâmico ocorre.

Por outro lado é interessante sublinhar a presença do estilo Internacional numa zona onde a sua representatividade é também rara. No distrito de Beja este estilo apenas está presente no Porto Torrão e no Castelo Velho de Safara, sendo um pouco mais frequente a Norte da Serra de Portel, no distrito de Évora, ocorrendo nos Perdígões, Monte da Ponte, Porto das Carretas, Miguens e S. Gens. Num mundo interior dominado, no que ao campaniforme decorado diz respeito, pelo estilo inciso de tipo Ciempozuelos, o estilo Internacional parece revelar uma penetração pontual de influências estremenhas (estando também ausente no litoral alentejano e Algarve). Situação semelhante é revelada pelo

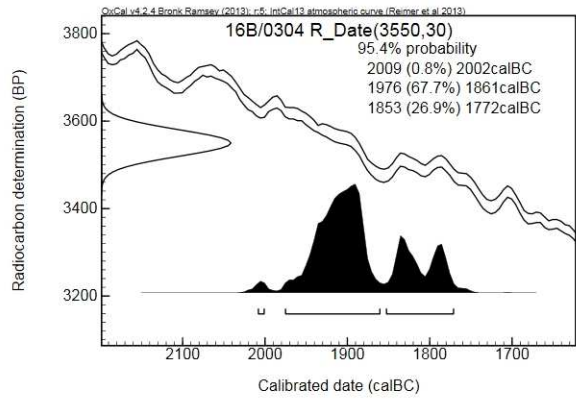


Figura 7 – Calibração da data de QC1 (OxCal v.4.2.4).

campaniforme pontilhado geométrico e inciso de tipo Palmela que, com excepção do Porto Torrão localizado no que parece ser uma fronteira estilística Palmela / Ciempozuelos (Valera, Rebugue, 2011), se apresenta igualmente como uma raridade na bacia do Guadiana (escassos fragmentos nos Perdígões, Outeiro de São Bernardo, S. Brás e San Blás).

Finalmente será importante sublinhar a proximidade da Quinta do Castelo 1 ao grande recinto de fossos da Salvada (Valera, Pereiro, 2013; Valera, Pereiro 2015), o qual se situa a apenas 3km para Sudoeste (Figura 7). Trata-se de um grande e complexo recinto de fossos, como uma área estimada superior aos 17ha. Ainda não foi submetido a intervenções arqueológicas (com excepção de alguns trabalhos de minimização que decorreram na sua periferia), mas forneceu bastante material calcolítico em prospecções de superfície, no qual, porém, não se registou qualquer campaniforme decorado.



Figura 8 – Localização da Quinta do Castelo 1 (1) relativamente ao grande recinto de fossos da Salvada (2).

Todavia, os grandes recintos de fossos já intervencionados no Sudoeste Peninsular sempre revelaram a presença de cerâmica campaniforme decorada, e, com excepção de Alcalar (apenas com presença do estilo AOC), em todos ocorrem vários estilos (contrapondo-se aos pequenos sítios, quase sempre estilisticamente monotemáticos – Valera, Rebuge, 2011): é assim nos Perdigões, no Porto Torrão, em San Blás ou na Pijotilla. Não será, pois, surpreendente que este sítio (ou o outro grande recinto de fossos vizinho, o Monte das Cabeceiras 2) venha a revelar a presença de campaniforme e possa eventualmente ser relacionado com este enterramento. Mas falta saber qual o seu espectro cronológico, pois até ao momento nenhum recinto de fossos na região apresenta contextos datados depois de 2000 AC.

Referências Bibliográficas

- ORTNER, D. (2003), *Identification of Pathological Conditions in Human Skeletal Remains*, Amsterdam, Academic Press, 2ª edição.
- SMITH, B. H. (1984), "Patterns of molar wear in hunter-gatherers and agriculturalists", *American Journal of Physical Anthropology*, 63: 39-84.
- UBELAKER, D.H. (1989), *Human skeletal remains: excavation, analysis, interpretation*, Washington, Taraxacum Washington. 2ª Edição.
- VALERA, A.C., (2006), "A margem esquerda do Guadiana (região de Mourão), dos finais do 4º aos inícios do 2º milénio AC", *Era Arqueologia*, 7, Lisboa, Era Arqueologia / Colibri, p.136-210.
- VALERA, A.C. (2013), "Cronologia absoluta dos fossos 1 e 2 do Porto Torrão e o problema da datação de estruturas negativas tipo fossos", *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 9, Lisboa, Nia-Era, p.7-11.
- VALERA, A.C., PEREIRO, T. do (2013), "Novos recintos de fossos no sul de Portugal: o Google Earth como ferramenta de prospecção sistemática", *Arqueologia em Portugal 150 anos, Actas do I congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa, AAP, p.345-350.
- VALERA, A.C., PEREIRO, T. do (2015), "Os recintos de fossos da Salvada e Monte das Cabeceiras 2 (Beja, Portugal)", *Actas del VII Encuentro de Arqueologia del Suroeste Peninsular*, Aroche, p.316-327.
- VALERA, A.C., REBUGE, J. (2011), "O Campaniforme no Alentejo: contextos e circulação. Um breve balanço.", *Arqueologia do norte alentejano. Comunicações das 3ªs Jornadas*, CMF, p.111-121.